26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

HERMENÊUTICA E O DASEIN DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

HERMENEUTICS AND THE DASEIN *OF KNOWLEDGE ORGANIZATION IN INFORMATION SCIENCE*

Luiz Eduardo Ferreira da Silva – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Amanda Marissa Soares da Silva – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O artigo discute a Organização do Conhecimento em relação à hermenêutica filosófica no âmbito da Ciência da Informação. A Organização do Conhecimento possui caráter interdisciplinar, evidenciado por seu diálogo com diferentes áreas, entre elas a Filosofia, por exemplo. A hipótese central desse trabalho é que a Organização do Conhecimento deve ser compreendida enquanto um processo crítico, em que o arcabouço conceitual da sua tradição seja reconstruído pelo viés do Dasein, isto é, o ser-no-mundo. Assim, o desenvolvimento da Organização do Conhecimento deve ser reavaliado a partir da dimensão de significância do ser-no-mundo. Metodologicamente, essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter teórico e bibliográfico, fundamentada nos estudos da hermenêutica filosófica. Busca-se, desse modo, reconhecer o domínio da Organização do Conhecimento sob um horizonte hermenêutico. Nessa perspectiva, instaurada pelo Dasein, a Organização do Conhecimento configura-se como a projeção de um acontecimento compreensivo, interpretativo e de mundanidade, estabelecido na relação entre sujeito, objeto e existência. Desta maneira, organizar o conhecimento significa explicitar, hermeneuticamente, a estrutura originária da exterioridade da linguagem do que é organizado e da estrutura do que somos.
Palavras-chave: organização do conhecimento; ciência da informação; hermenêutica.

Abstract: The article discusses Knowledge Organization in relation to philosophical hermeneutics within the field of Information Science. Knowledge Organization is interdisciplinary in nature, as evidenced by its dialogue with different fields, including Philosophy. The central hypothesis of this study is that Knowledge Organization should be understood as a critical process in which the conceptual framework of its tradition is reconstructed through the perspective of Dasein, that is, being-in-the-world. Thus, the development of Knowledge Organization should be reassessed from the dimension of

significance inherent in being-in-the-world. Methodologically, this research adopts a qualitative, theoretical, and bibliographic approach grounded in studies of philosophical hermeneutics. Accordingly, it seeks to understand the domain of Knowledge Organization within a hermeneutic horizon. From this perspective, established through Dasein, Knowledge Organization is conceived as the projection of an event of understanding, interpretation, and worldhood, constituted through the relationship among subject, object, and existence. In this sense, organizing knowledge means hermeneutically revealing the original structure of the exteriority of the language of that which is organized, as well as the structure of what we are.
Keywords: knowledge organization; information science; hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa na Organização do Conhecimento (OC), não se pode deixar de lado a interpretação sobre o que está sendo organizado e sendo representado. Nesse sentido, um dos erros mais comuns pode-se achar que a OC acontece de forma imparcial ou marcada pelos contornos da neutralidade, pelo contrário, organizar e representar o conhecimento é um ato interpretativo na relação entre o todo e suas partes. Desta maneira, pode-se apontar a consistência plurívoca da OC sob o viés hermenêutico.

A OC é intrinsecamente guiada pela estrutura prévia da compreensão do *Dasein*, nesse sentido, entende-se que organizar ou representar não é "rotular" uma entidade, mas situá-la dentro de uma teia de significados que constitui a facticidade do mundo do intérprete.

Em um artigo publicado por Oliveira e Guimarães (2024), os autores justificam que "[...] a literatura da área carece de estudos que possam discutir a hermenêutica como elemento caracterizador e que ofereça subsídios ao desenvolvimento do subcampo de Organização e Representação do Conhecimento" (Oliveira; Guimarães, 2024, p. 3). Nesse sentido, compreende-se ser admitida a presença da teoria hermenêutica e da linguagem no processo de organização do conhecimento (POC) e no sistema de organização do conhecimento (SOC) e, assim, ressaltar a aproximação desses estudos em conjunto com a OC e bem como no âmbito da Ciência da Informação (CI) uma vez que está é, por natureza, interdisciplinar, ou seja, mantém diálogo com diversas outras áreas científicas.

A problemática parte da seguinte questão: em que medida a compreensão do *Dasein* permite contextualizar criticamente o arcabouço conceitual da OC a partir da dimensão do ser-no-mundo? Sendo assim, o presente artigo traz, em seu objetivo o debate, de modo sumário, a presença dos estudos da hermenêutica no âmbito da OC. Desse modo, considera-se que esses estudos possam contribuir para a construção teórica e metodológica da OC na

contemporaneidade.

A cerca da metodologia desse estudo, destaca-se Hjørland e Hartel (2003) no qual afirma que os estudos interpretativos enriquecem as pesquisas qualitativas, sobretudo, aquelas que buscam compreender como um domínio se estrutura e se fundamenta. De certo modo, elege-se a metodologia desta pesquisa, como de natureza qualitativa, do tipo teórica e bibliográfica, fundamentada nos estudos da hermenêutica filosófica do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), com o propósito de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do objeto investigado. Desse modo, a hermenêutica heideggeriana oferece o aporte necessário para compreender a OC para além de sua dimensão técnica, situando-a em um horizonte interpretativo.

A OC, sob a ótica do *Dasein*, deixa de ser vista como uma taxonomia de entidades presentes e passa a ser entendida como a explicitação do significado. O profissional da informação, como um ser-no-mundo, não aborda o documento de forma neutra; ele o faz a partir de uma “posição prévia” e uma “previsão". Portanto, compreende-se que os processos nucleares da OC que são: os POCs que descrevem o *como fazer* dessa organização e os SOCs que são ferramentas terminológicas para essa representação que são a materialização da clareza do *ser* dentro de um domínio específico, permitindo que a informação “venha à presença” de maneira compreensível.

Nesse sentido, a OC, de acordo com Hjørland (2008), refere-se à natureza e à qualidade dos POC e dos SOC “[...] usados para organizar documentos, representações de documentos, palavras e conceitos” (2008, p. 86). Os POC compreendem, entre outros, a catalogação, a análise de assunto, a indexação, a marcação e a classificação, realizadas por humanos ou computadores. Por sua vez, os SOC incluem instrumentos como glossários, taxonomias, tesauros e ontologias.

Para tanto, a reflexão hermenêutica neste artigo pode-se levar à compreensão do jogo dos processos interpretativos da OC em dois momentos: o primeiro, pelas concepções formadoras do intérprete; e o segundo, por um exercício hermenêutico do pensamento produtivo, isto é, da consciência crítica ao olhar para o “objeto” no ser-no-mundo. Nas palavras de Nunes (1986), esse ser-no-mundo significa, preliminarmente, “[...] morar, habitar, ser familiar a” (Nunes, 1986, p. 86).

Compreende-se que a hermenêutica contribuem com os estudos da informação ao tornar o saber mais contemplativo, que se reconstitui pelas etapas constitutivas da

manifestação interpretativa da realidade, no entanto, não se pode entender a hermenêutica como uma mera descrição da realidade, como enfatiza Landriére (1978), a hermenêutica pode desestabilizar os sistemas e reintroduzir no devir da manifestação.

Então, a OC é uma ação marcada pela explicitação do sentido, uma vez que, o sentido interpretativo é o próprio fio condutor da ação de organizar e representar. De fato, a essência da OC em um contexto mais amplo é entrar em um espaço de apresentação, é tornar seu lugar visível, isto é, a organização em sua relação hermenêutica é uma aparência perceptível mediante uma ação interpretativa de compreensão.

Consequentemente, a OC não é uma simples operação de tradução, portanto, não é uma transposição mecânica, mas sim uma tradução ontológica da organização (classificação) e da representação (descrição) do "objeto", e, tampouco uma linguagem em outra linguagem. Dessa forma, entende-se que o que torna viável nesse contexto de organização e representação é a expressão do intérprete com a "coisa", ou seja, informação registrada em um documento. Mormente, qual é o alcance das proposições construídas dessa perspectiva hermenêutica? Logo, a questão hermenêutica em *Dasein* possibilita adentrar-se no caminho que pode conduzir de maneira apropriada ao conceito de OC, observa-se neste sentido a interdisciplinaridade dos estudos da OC com a Filosofia.

Por fim, vê-se que o problema da OC na CI ou fora dela está intercalada por um pensamento de neutralidade, da especulação e da relatividade do seu entendimento e dos seus desdobramentos filosóficos. Portanto, o destino do pensamento hermenêutico seria transfigurar as concepções simples da organização, assim, ao pensarmos nessa relação, entende-se que a OC deve ter seu desenvolvimento daquilo que está contido no *Dasein*.

2 JUSTIFICAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: HISTORICIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A OC é a combinação de dois conceitos centrais entre a "organização" e "conhecimento". Essa combinação é referente ao conceito do sujeito e do predicado, entendendo o "conhecimento" direcionado sobre aquilo que é conhecido; e por "organização" sobre aquilo que dará seguimento a uma atividade para construir algo (Dahlberg, 2006).

Para Rabello e Guimarães (2006), a OC se desdobra em três processos: a **produção** do conhecimento que é registrado, a **organização** desse conhecimento por meio de ferramentas

como tesauros e sistemas de classificação e, por fim, o **acesso** que promoverá sua utilização social (**uso**).

Ao considerar o caráter interdisciplinar da OC, no contexto brasileiro, por exemplo, essa relação pode ser observada ao contemplas esses três processos (produção, organização e acesso) nas linhas de pesquisas dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e se materializa na produção científica desenvolvida nas universidades, especialmente por meio de dissertações, de teses e de relatórios de pós-doutorado.

Disto isto, compreende-se que a institucionalização da OC ocorre a partir de sua constituição como disciplina científica, no âmbito interdisciplinar da CI, mediante fatores que contribuíram para sua consolidação teórico-metodológica (Martins; Moraes, 2015). Nesse sentido, Arboit (2014) diz que a institucionalização como um processo sociocognitivo e intersubjetivo, construído pelas relações, disputas e consensos estabelecidos entre os sujeitos que integram as comunidades científicas. Para citar alguns destaca-se os principais pesquisadores que fundamentam a OC na contemporaneidade, tais como: Ingetraut Dahlberg (1927-2017), Birger Hjørland (nascido em 1947), Richard Paul Smiraglia (nascido em 1952), Mario Barité (nascido em 1955), José Augusto Chaves Guimarães e dentre outros.

Conforme salientado por Oliveira e Guimarães (2024, p. 5), destaca-se que:

> Historicamente a organização e representação do conhecimento (aqui mais especificamente se referindo aos aspectos ligados ao conteúdo intelectual dos documentos, mas sem desconsiderar a importância dos processos de representação de seus aspectos formais, bem como sua ordenação no armazenamento para fins de acesso) tem se assentado em uma tríade em que se verifica uma dimensão epistemológica (bases conceituais, históricas e metodológicas da organização do conhecimento assim como seus diálogos interdisciplinares e sua produção científica), uma dimensão aplicada (modelos, formatos, instrumentos, produtos e estruturas em organização do conhecimento); e uma dimensão sociocultural (formação e atuação profissional, ética, contextos, cultura e identidade em organização do conhecimento assim como as relações da organização do conhecimento com o desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, o espaço da OC na CI reflete o ser-no-mundo, por organizar redes de conceitos e representações que expandem a cognição, exigindo constante estruturação, e que servem de ancoragem para que o *Dasein*, ordene e compreenda o fluxo vertiginoso da informação fática. A partir do momento em que a organização entra em ação, estamos sob o domínio de várias dimensões, ela indica, que essas enriquecem as prescrições epistêmicas, sobretudo, entre a linguagem e a hermenêutica. A bem dizer, percebe-se que a OC está

circunscrita dentro de uma concepção epistêmica, mas não basta conceber os objetos, é necessário realizá-los.

Pergunta-se, nesse sentido, se a OC é neutra? Assim, a possibilidade de refletir sobre a profundidade da relação entre ela, a hermenêutica e a linguagem. Mais ainda, a organização está muito próxima das coisas, está mergulhada no *Dasein.* Ora, o termo OC apoia-se numa dupla metáfora, **a primeira** que evoca o sentido real dos remetimentos intencionais do "objeto"; e a **segunda** que ela se produz a partir de um conteúdo intelectual e de domínio dos documentos. Trata-se, pois, de assegurar não somente a qualidade do processo de organização, mas demonstrar sua validade presuntiva e de aderência ao ser-no-mundo.

Dito de outra maneira, é necessário produzir as condições nas quais o objeto concebido é suscetível de se manifestar de maneira real (Landriére, 1978). É necessário, então, pensar nos tipos de procedimentos que fomentam as operações formais da organização desse conhecimento, sobretudo, suas virtualidades práticas e suas construções de sentido dentro de uma proposição epistemológica, uma vez que:

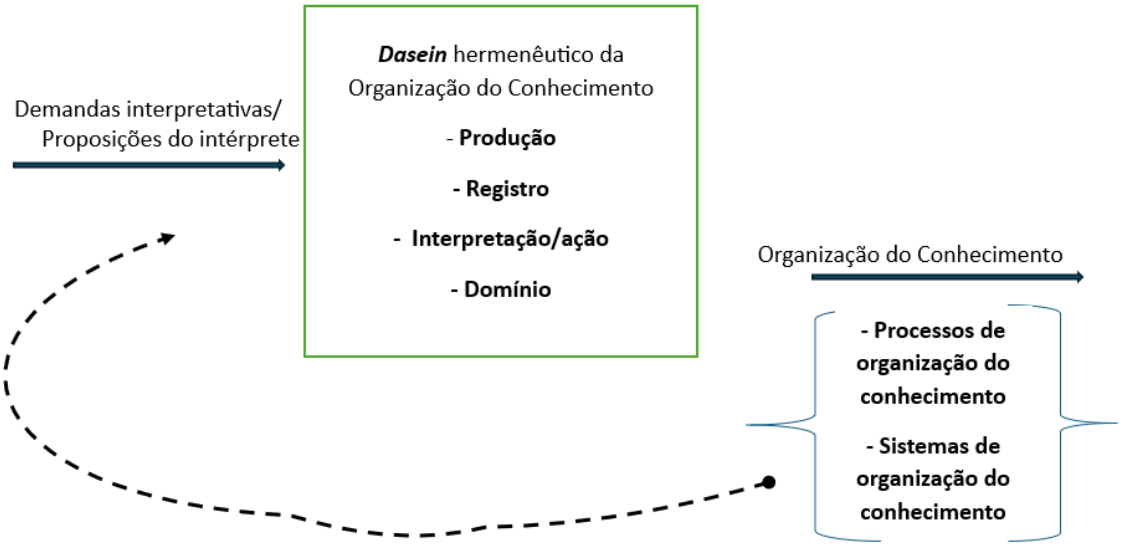
> [...] desse modo, à **dimensão epistemológica** da organização do conhecimento se apresenta o desafio de evidenciar as diferentes correntes teóricas e metodológicas (escolas de pensamento em OC) e suas intersecções, o que leva a duas perspectivas interessantes: a consolidação da OC como domínio de conhecimento e a configuração de espaços investigativos inter e transdisciplinares que a ela se apresentam (Guimarães, 2017, p. 8).

Precisamente, há circunstâncias em que a OC se transforma em um domínio epistêmico, caracterizando e evidenciando os espaços investigativos das imediações do seu lugar de efetuação. Nesse sentido, a OC na CI é necessária para guiar as relações interpretativa daquilo que se organiza.

Nesse momento, entra em ação uma condição que é provavelmente, uma das mais fundamentais dentre todas que estão envolvidas nesse processo de organização, o que se chama de condição de integração do domínio, nesse sentido, ela impõe ao intérprete as ações de interpretação do *Dasein*, uma vez que, OC é aquela que "[...] visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade" (Medeiros; Café, 2008, p. 6).

Desse modo, cercando-se, por um universo de coisas, uma infinitude de acontecimentos. Então, toda ação da OC é movida por uma demanda interpretativa, consoante se ilustra na Figura 01.

Figura 1 - Justificação metodológica da hermenêutica na Organização do Conhecimento



Fonte: elaboração própria (2026)

A OC torna visível a estrutura epistemológica de um domínio por meio de seus POC e SOC; contudo, essa organização pressupõe um ato interpretativo, pois é necessário compreender os sentidos, conceitos e relações próprias do domínio antes de organizá-lo e/ou representá-los.

Ressalta-se, que o sentido da organização é endereçar a uma estrutura visível do campo epistêmico. Pode-se exprimir, em linhas gerais, que a OC com o critério epistemológico se relaciona com o domínio, assim, a organização desse conhecimento a partir dos POCs e dos SOCs são proposições crescentes e elementares de um predicado hermenêutico. Logo, o ponto crucial é, evidentemente, compreender as proposições interpretáveis de um domínio específico.

Para Smiraglia (2012) um domínio é melhor compreendido como:

> [...] uma unidade de análise para a construção de um SOC [Sistema de Organização do Conhecimento]. Isto é, um domínio é um grupo com uma base ontológica que revela uma teleologia subjacente, um conjunto de hipóteses comuns, consenso epistemológico sobre abordagens metodológicas e semântica social. Se, após a condução de uma análise sistemática, nenhum consenso sobre esses pontos emergir, então nem intensão nem extensão podem ser definidas e o grupo, portanto, não constitui um domínio. [...] São as interações do ontológico, epistemológico e sociológico que definem um domínio e revelam seu papel crítico na evolução do conhecimento (Smiraglia, 2012, p. 114, tradução livre).

Nesse sentido, a OC é o conjunto das consequências lógicas das proposições interpretativas, construído por um critério epistêmico, pois partindo-se das ideias de Immanuel Kant (1724-1804), da "metafísica" do conhecimento, o fundamento do conhecimento é a função principal da tradição analítica, isto é, a priori.

Nesse sentido, a OC é um ente, que ocorre entre outros entes, uma vez que, parafraseando Heidegger (1997) o *Dasein* é uma existência de possibilidade. Tendo essa compreensão, entende-se que a OC não pode ser compreendida de forma isolada ou desconectada de um contexto. Assim, a OC, não acontece a partir de si mesma, mas através de uma integralidade, como partes ou entes que constroem o organizado, isto é, o ser-no-mundo.

Nesse sentido, deve-se, então, refletir sobre as condições de possibilidades do conhecimento mediante o pensamento heideggeriano e da noção de *Dasein.* Sob essa perspectiva os POCs e os SOCs podem ser compreendidos como intencionados ou, em uma aproximação do pensamento de Heidegger, "atencionados", na medida em que nos direcionam as coisas, mais precisamente, à compreensão delas a partir dos sentidos. Nessa lógica, entende-se que OC pode ser compreendida por meio de três dimensões de ser-no-mundo.

- **Primeira:** a OC se dá pelo sujeito no mundo, compreende-se o "ser/objeto" organizado;
- **Segunda:** da OC consigo mesmo, uma vez que se desenvolve uma relação imprescindível com o objeto, os instrumentos, isto é, os entes disponíveis; e
- **Terceira**: a OC como um acontecer de sentido, um referente intencionado.

Por fim, enfatiza-se que a OC, no sentido hermenêutico, constitui um encontro com o mundo e um acontecer de sentidos, que envolvem as proposições, o intérprete e o domínio em um movimento helicoidal (fluxo *continuum)*. Nessa perspectiva, o conhecimento é produzido, registrado, organizado, socializado e apropriado (Guimarães, 2008) a partir da compreensão dos entes. Desse modo, torna-se primordial que os indivíduos se encontrem com os objetos em suas múltiplas dimensões, sejam elas hermenêuticas, ontológicas ou relacionadas ao *Dasein*.

3 O DASEIN NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: SER E TEMPO ONTOLÓGICO DO INTÉRPRETE

O *Dasein* permite compreender como as coisas se apresentam em suas múltiplas dimensões no mundo. Em seu processo de historicização, o conhecimento sempre esteve relacionado às postulações acerca da crença, da justificação e da verdade. Nesse viés, não se propõe que o conhecimento possui uma verdade absoluta; ao contrário, o *Dasein* da OC pode ser compreendido como uma manifestação interpretativa dos existenciais e de seus instrumentos, constituída de um domínio ontológico da compreensão, isto é, dos "[...] traços da compreensão original e autêntica da existência" (Mac Dowell, 1993, p. 130). Logo, a OC deve ser entendida como um modo de ser-no-mundo, considerando que o mundo não é exterior ao *Dasein*, mas parte constitutiva e indissociável de sua própria existência.

Segundo Cerbone (2013):

> [...] o Dasein é o lugar para começar a responder à questão sobre o ser porque ele, diferente dos outros tipos de entidades, sempre tem uma compreensão do ser: entes humanos são entes para quem as nitidades são manifestas em seu modo de ser. Isso não significa que nós já temos uma concepção desenvolvida sobre o que é ser (se tivéssemos, haveria pouco para Heidegger e Ser e tempo realizarem), mas, em vez disso, nossa compreensão é em grande medida implícita e pressuposta, o que Heidegger chama de "pré-ontológico" (Cerbone,2013, p. 69).

No entanto, compreender, aqui não significa meramente apontamentos de traços cognitivos, mas compreender como se pode ser-no-mundo*,* isto é*, c*omo um desdobramento de possibilidades. Dito de outra forma, a OC é a compressibilidade de alguma coisa pela elaboração dos seus domínios. Logo, a OC, enquanto um *Dasein,* encontra-se entrelaçada aos significados que se constituem na projeção ôntica do existir do intérprete sobre o tempo, uma vez que, o intérprete é uma manifestação do ser.

Assim, o "estar-em" da OC constitui uma relação no sentido linguístico de "residir", "de manter-se em", "familiarizado" ou "organizado com", que desvela uma essência do conhecimento. A OC indica aquilo que se busca "mostrar/apresentar", "de compreender o ser", isto é, no sentido de abrir e de mostrar o organizado, o mormente, o desvelando e sintonizando o seu sentido.

Diante disso, a partir do pensamento de Heidegger (1997) aponta-se que:

> [...] de que há muito o "tempo" funciona como critério ontológico, ou melhor, ôntico para uma distinção ingênua das diversas regiões dos entes. Assim, distingue-se um ente "temporal" de um ente "não-temporal". Persiste o fato de que, na acepção de ser e estar no tempo, o tempo serve como critério para distinguir as regiões e o modo de ser (Heidegger, 1997, p. 45-46).

Nesse sentido, a OC poderia ser concebida como um instrumento ôntico do ente, logo, a OC possibilitada pela interpretação e pela possibilidade de articulação dos seus instrumentos e domínios. Assim, aquilo que o *Dasein* relaciona e expressa em um referencial dirige-se à compreensão, pois "[...] no que vem ao encontro do mundo como tal, a compreensão já abriu uma conjuntura que interpretação expõe" (Heidegger, 1997, p. 204).

A rigor, a OC deve ser compreendida, inicialmente, através do ente intramundonos, isto é, daquilo que vem ao encontro no mundo. Nessa perspectiva, a OC é um ente situado no entorno do seu próprio estado originário[1], em outras palavras, a OC encontra-se situada no horizonte de relações e significações por meio das quais os entes se tornam compreensíveis.

Em suma, a OC pode pertencer ao *Dasein,* isto é, a condição de ser-no-mundo. Pois, entende-se sob a ideia de Heidegger (1997) que:

> [...] quando "se dá" conhecimento, este pertence unicamente ao ente que conhece. Entretanto, o conhecimento não é simplesmente dado nesse ente, a coisa homem. De todo modo, não pode ser constatado externamente como, por exemplo, propriedades de nosso corpo. Na medida, porém, em que não lhe pertence como uma qualidade externa, o conhecimento deve estar dentro (Heidegger, 1997, p. 99).

Precipuamente, a OC constitui um horizonte para o qual se move a compreensão, considerando que o conhecimento está relacionado ao modo de ser do *Dasein* e que a própria OC, como já mencionado, nunca é neutra ou isenta de pressupostos. Logo, a OC torna-se fundamental para a articulação das possibilidades de compreensão "interna e externa" das coisas por meio de seus domínios.

[1] Nesse sentido, destaca-se a compreensão de que: "Heidegger ensina que no círculo da compreensão se esconde o conhecimento mais originário e só pode ser apreendido de modo autêntico, se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é a de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos ingênuos e "chutes". Ela deve, na elaboração da posição prévia e concepção prévia, assegurar o tema científico a partir das coisas elas mesmas. Isto porque a compreensão, de acordo com seu sentido existencial, é o poder-ser da própria pre-sença, as pressuposições ontológicas do conhecimento histórico ultrapassam, em princípio, a ideia de rigor das ciências mais exatas" (Heidegger, 2002, p.210).

Dessa maneira, pode ser pensada sob uma ação ontológico-existencial, na qual o conhecimento passa a ser concebido pela relação do domínio do ente com o fenômeno, possibilitando assim sua manifestação. Nesse sentido, a OC, enquanto um ente que tem a compreensão do ser, isto é, insere-se no movimento do círculo hermenêutico em seu sentido existencial, estabelece ao mundo um fator essencial de "pertencimento" do *Dasein*.

Dessa maneira, não se pode perder de vista que a OC é a casa de um *Dasein*, através de plurívocos domínios ontológicos. Para Heidegger (2002), a essência do *Dasein* encontra-se em sua própria existência, de modo que suas características não correspondem às propriedades fixas, mas a diferentes possibilidades de ser que se manifestam em sua existência.

Sob esse viés, o sentido do ser na OC pode ser compreendido a partir da temporalidade, ou seja, de desvelamento das estruturas do ser-aí. Desse modo, o ser e a estrutura ontológica da OC encontra-se relacionada às possibilidades de compreensão do ser, a partir daquilo que Heidegger (2002) chamou de "conhecimento transcendental ou *transcendens".*

> A "essência" do Dasein reside em sua existência. Os caracteres que podem ser postos à mostra nesse ente não são, portanto, "propriedades" subsistentes de um ente que subsiste com este ou com aquele "aspecto", mas modos-de-ser cada vez possíveis para ele e somente isso. Todo ser-assim desse ente é primariamente ser. Por isso, o termo "Dasein" com que designamos esse ente não exprime o seu que, como é o caso de mesa, casa, árvore, mas o ser (...) O ente, cujo ser está em jogo esse ser ele mesmo, se comporta em relação a seu ser como em relação a sua possibilidade mais própria (...) E porque o Dasein é, cada vez, sua possibilidade, esse ente em seu ser pode se "escolher" (...) (Heidegger, 2012, p. 140-141).

Heidegger (2012) compreende o *Dasein* como um ente cujo ser não apresenta de maneira determinada, como ocorre com os demais entes, se constitui no âmbito de suas próprias possibilidades. Desse modo, o *Dasein* relaciona-se com o próprio ser e constitui-se a partir das possibilidades de existência que lhe são próprias.

Logo, a OC pode ser compreendida a partir de uma ação fática da continuidade, na qual se insere o movimento hermenêutico, através de traços helicoidal de movimentos que o filósofo em epígrafe apontou como finitude (passado-presente-futuro) com a junção das coisas. Nessa perspectiva, compreende-se que a OC se realiza a partir de uma anterioridade de um conhecimento prévio, ou seja, de uma compreensão prévia que orienta a interpretação e a organização do conhecimento.

Assim, o *logos* da OC dirimida pelo viés do *Dasein*, assume uma função interpretativa, explicitando-a, a compreensão das dimensões epistemológicas da organização, sobretudo a ontológica e epistemológica, por uma ação hermenêutica de sentido. Então, a OC pode ser entendida como um fio condutor da existência analítica das coisas ou fenômenos, isto é, a compreensão ontológica delas, pois a distância temporal de um organizado pode ser pensada e recuperada em um sentido de ser-no-mundo.

Para Heidegger, as coisas que vêm ao encontro no mundo não são objetos isolados, mas inseridas em uma rede de relações, na qual podem assumir o caráter de "ferramentas" ou "equipamentos". Nesse sentido, um SOC pode ser compreendido como um conjunto de ferramentas que só faz sentido "em uso" e em suas relações com outros entes.

Não obstante, ao considerar a OC sob o horizonte do ser-no-mundo, está deixa de ser meros “instrumentos” ou “ferramentas" e passam a ser-aí, constituidor de sentido, portanto, passam a participar da articulação e da constituição de sentidos. Desse modo, a OC, possibilita pensar e compreender o mundo, por meio das relações de significação estabelecida entre o *Dasein*, os entes e o próprio mundo, abrindo possibilidades para a constituição de novos sentidos daquilo que os heideggerianos chamam de “a fundação de um novo sentido”.

Para Gnoli (2008) a abordagem específica de domínio se baseia intensamente na epistemologia: busca fundamentar classificações em uma compreensão de como os estudiosos naquele domínio operam. Classificações abrangentes podem e devem ter uma base ontológica. No entanto, a maioria das classificações abrangentes depende das disciplinas como um dispositivo classificatório e, portanto, são em grande parte epistemológicas em sua abordagem. Diante disso, o tipo de classificação defendido neste livro é fundamentado **na** ontologia, pois é baseado nos fenômenos (coisas) que existem no mundo. No entanto, como mencionado acima, os detalhes de tal sistema são elaborados com atenção cuidadosa a como os estudiosos estudam as coisas.

Com efeito, a OC se dá a partir de uma concepção prévia do conhecimento, que possibilita novas elaborações conceituais e interpretativa, pois assim poderá se tornar um processo infinito pelo olhar daquilo que o intérprete sabe, aquilo que ele nomeou de pertença, ou melhor, a presença do ser no ente, conforme destacada nas palavras de Mello (2006), nas quais afirma que o

> [...] conhecer é um modo da pre-sença fundado no ser-no-mundo. Ademais, o que se constitui essencialmente pelo ser-no-mundo é sempre em si mesmo o ‘pre’

> de sua pre-sença. A expressão ‘pre’ é uma abertura essencial, ou seja, uma claridade. A presença sempre traz consigo o seu pre (Mello, 2006, p. 3).

E, finalmente, a OC enriquece a compreensão das coisas e suas vinculações epistêmicas mais complexas. Assim, a OC constitui, sem dúvidas, um momento de compreensão entre o *Dasein* e as coisas na concretude dos fenômenos do ser-no-mundo. O ponto essencial reside no papel desempenhado pela OC por meio da criação de instrumento e da constituição de domínios de conhecimento, que se manifestam pela ação do intérprete.

Sua dimensão hermenêutica articula-se, dessa forma, em um círculo de compreensão orientado pela questão do sentido do ser, uma vez que a OC não é isenta de dados preliminares de pressuposições. Desse modo, a OC opera em movimentos de um círculo hermenêutico, que é indissociável de um ser-aí no mundo, ou seja, o *Dasein.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve o propósito de apresentar os contornos do que vem a ser a OC pelo viés hermenêutico do *Dasein.* Diante desse aspecto, o que está em questão é uma fundamentação hermenêutica da OC, um empreendimento que ganha voz sobre essa possível relação dialógica entre as áreas, mais precisamente, nos estudos que relacionam a OC com hermenêutica filosófica de Heidegger no campo da CI.

Além disso, observou-se no desenvolvimento desta pesquisa a lacuna de pesquisas da temática em questão a partir dessa relação dialógica. Diante disso, a questão que se levantou nesse artigo, é sobre a possibilidade de se pensar a OC além de uma ontologia tradicional, hermética e linear e de como será possível ir além ou aquém das investigações científicas por meio da sua relação com a hermenêutica.

Nesse contexto, entende-se, portanto, ser necessário compreender a OC não apenas em sua dimensão técnica e instrumental, ou como ação de facticidade técnica, ao contrário, como um domínio interpretativo do ser. Em outras palavras, o domínio interpretativo do ser deverá ser constituído pelas possibilidades de compreensão e de atribuição de sentidos no ser-no-mundo. No entanto, salienta-se que os pesquisadores da OC, em suma, não devem esquecer as ações hermenêuticas, que envolvem uma metodologia epistêmica direcionada a sua comunidade discursiva.

Por fim, destaca-se que a OC − entendida como concepção diacrônica de uma ontologia de compreensão existencial, ou seja, no seu sentido originário −, carrega esse

sentido veiculado numa significação de possibilidades baseadas nos fenômenos. Assim, não há como dissociar do ser-no-mundo da OC, independentemente das suas dimensões, uma vez que, o *Dasein* se movimenta na interpretação ôntica no campo temático da organização, na qual pode caracteriza-se como "círculo hermenêutico" de um ser que se manifesta na ação do intérprete.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, Aline Elis. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de organização do conhecimento a partir dos trabalhos científicos dos congressos da ISKO**. 285 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/7f9fd5e8-fc8c-4c59-8295-aa38adb7b85b. Acesso em: 15 jun. 2026.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, v.33, n. 1, p.11-19, 2006. Disponível em: https://storage.imrpress.com/imr/journal/KO/article/505515/1752847405293.pdf. Acesso em: 22 jun. 2026.

GNOLI, Claudio. Ten long-term research questions in knowledge organization. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 35, n. 2-3, p. 137-149, 2008. Disponível em: https://storage.imrpress.com/imr/journal/KO/article/505440/1752847187342.pdf. Acesso em: 22 abr. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/940/815. Acesso em: 10 abr. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Organização do Conhecimento: passado, presente e futuro sob a perspectiva da ISKO. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 84-98, maio/ago., 2017. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31443. Acesso em: 10 abr. 2026.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Tradução F. Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, Petrópolis: Vozes, 2012. (Originalmente publicado em 1927).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: Parte I, Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HJØRLAND, Birger; HARTEL, Jenna. Afterward: Ontological, epistemological and social dimensions of domains. **Knowledge Organization**, v. 30, n.3/4, p. 239-245, 2003.

HJØRLAND, Birger. What is knowledge organization (KO)?. **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

LANDRIÉRE, Jean. **Filosofia e práxis científicas**. Tradução Maria José J. G. de Almeida. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. (Coleção Episteme).

MAC DOWELL, João Augusto. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger ensaio de caracterização do modo de ser de Sein und Zeit**. São Paulo: Loyola, 1993.

MARTINS, Gracy Kelli; MORAES, João Batista Ernesto de. Organização e representação do conhecimento: institucionalização como disciplina científica no âmbito da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 16., 2015, João Pessoa. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2015. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/187277. Acesso em: 10 jun. 2026.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basilio; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2008. p. 1-14. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/176535. Acesso em: 28 mar. 2026.

MELLO, Cleyson de Moraes. **Hermenêutica e direito**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2006.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético**: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo, SP: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Walter Clayton de; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Hermenêutica e Organização e Representação da Informação: transversalidade e verticalidade na Ciência da Informação. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 17, p. e023062, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.36311/1981-1640.2023.v17.e023062. Acesso em: 1 abr. 2026.

RABELLO, Rodrigo.; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., Marília-SP. **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2006. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/178847. Acesso em: 10 jun. 2026.

SMIRAGLIA, Richard Paul. Epistemology of domain analysis. *In*: SMIRAGLIA, Richard Paul. **Cultural frames of knowledge**. Germany: Ergon Verlag, 2012. p. 111-124.